



“Eu estou vivo!”. Aos 60 anos, Ricardo encena “Tripas”, no Poeirinha, com texto de seu filho, Pedro Kosovski, e retrata um homem ressuscitado, reinventado, renovado, renascido: “O mundo não vira uma Disneylândia, mas sei viver melhor agora”, ele diz

RENATO LEMOS  
Especial para O GLOBO  
segundocaderno@oglobo.com.br

## DIÁRIO DE UMA LUTA

# FAZENDO DAS TRIPAS CORAÇÃO

**APÓS VENCER** uma septicemia e levar o trauma para o palco, Ricardo Kosovski conta como deu a volta por cima

do hospital quarenta quilos mais magro (com esqueléticos 38 kg), uma bolsa coletora pendurada na cintura e uma ideia meio maluca batucando na sua cabeça. “Tripas” nasceu dessa ideia. A peça — em cartaz até o fim do mês no teatro Poeirinha, em Botafogo — foi escrita pelo filho de

Ricardo, Pedro Kosovski, e retrata um homem equilibrando-se em uma linha fina de fronteira: entre dois mundos, entre ser pai e ser filho, entre o céu e o inferno, entre a vida e a morte. No palco, um ator nu — muitas vezes literalmente — escancara seus medos sem a mínima ver-

gonha de se expor. É um monólogo de muitas vozes. O Ricardo que está em cena carrega um monte de prefixos “re” grudados ao seu corpo: ressuscitado, reinventado, renovado, renascido, reescrito pelo filho. Parece outro Ricardo. E talvez seja:

— Ganhei outra chance. O teatro normalmente dá isso aos atores, viver várias vidas, mas no meu caso é mais explícito — afirma o ator, criado nas coxias do Teatro Ipanema e muitas vezes visto em peças e filmes dirigidos por Domingos Oliveira, sempre em papéis divertidos. — O palco é lugar de mediação e transformação, é assim desde os gregos, por isso fomos para lá. O teatro é curativo.

Ainda no hospital, com Pedro na cabeceira, eles se prometeram que, se sássem daquela situação, fariam uma viagem e uma peça juntos. Pouco tempo depois, numa mesa de botequim, resolveram comprar uma passagem para o exterior. E compraram ali mesmo, pelo celular: Rio-Tel Aviv-Rio. Foram ao Egito também. Ficaram detidos na Jordânia. Nunca tinham pas-

sado tanto tempo juntos, nunca tinham sido tão íntimos. A peça foi esboçada no trajeto, no vazio entre as linhas de fronteira.

— Foi transformador, entendemos nossa relação. Foi necessário passar por aquilo para nos entendermos mais profundamente. É uma autoficção em que falo através do meu pai — conta Pedro, 35 anos, que na concepção do espetáculo passou dois meses enfurnado com o pai numa residência do Teatro Lume, em Campinas.

O processo de produção e encenação de “Tripas” é o mote para a tese de pós-doutorado de Ricardo na **Unicamp**. É uma continuidade da vida acadêmica — Ricardo é professor na UniRio e também dá aulas no Tablado. Ter passado tão perto da morte transformou também a maneira como é visto pelos amigos. O diretor Moacir Chaves (“Bugiaria”, “Utopia”) diz que quando assistiu a “Tripas” pela primeira vez foi como um arrebatamento:

— O Ricardo usou suas próprias experiências para a criação. Guardadas as proporções, claro, é mais ou menos como Macha-

do de Assis fez em “Memórias póstumas de Brás Cubas”. Quando a peça terminou eu estava aos prantos, nem conseguia me levantar.

Ricardo, 60 anos, fala abertamente do constrangimento de andar pela rua com a bolsa coletora cheia de fezes, dos exercícios físicos que consistiam em dar dez ridículos passos pela sala, do abandono que sentiu quando não conseguia se limpar no banheiro. E diz que a naturalidade com que relata seus traumas vem da família, boa parte dela descendente de sobreviventes do Holocausto.

— Eles nunca relatam a história pelo lado trágico das pessoas queridas que morreram, mas pela vitória das que sobreviveram. Prefiro pensar assim.

E arremata: — Todo dia de manhã, na frente do espelho, eu grito: “Eu estou vivo!” O mundo não vira uma Disneylândia, mas entendo melhor o mal-estar que a gente sente, lido melhor com ele, converso numa boa até com os operadores de telemarketing. Sei viver melhor agora. ●

Entre o Natal e o Ano Novo de 2015, Ricardo Kosovski estava na Patagônia chilena quando uma crise de diverticulite rompeu seu intestino transformando parte de seu corpo numa mistura de sangue, gordura, miço, água, sal e merda. Três dias depois, ele entrava na Clínica São Vicente com um quadro de septicemia aguda. Quase morto. Viu enfermeiros alados levando-o pela mão em direção ao inferno, buracos negros se abrindo no teto do quarto, teve a sensação de estar abandonando seu próprio corpo e assistindo a tudo lá de cima: a cama do hospital, os lençóis amarrotados, os aparelhos apitando, a sombra, sua vida dando o fora dali como um fantasma de desenho animado. Sobreviveu. Sete meses depois, após três operações e novas internações, Ricardo saiu